



Na beira do andaime

O trabalhador de construção civil encara as incertezas da profissão. O operário descobre diariamente as melhores maneiras de superar os riscos e a insegurança

Neila Guimarães
neilangl@yahoo.com.br

Trabalhar nas alturas, dentro de fossos e no meio de muita sujeira não é uma tarefa fácil. Nem todos estão preparados para lidar com os riscos de ficar pendurado por cordas ou embaixo de um guindaste. José Antônio de Paula trabalha como pedreiro e pintor em construções há mais de 20 anos. Ele veio com a família de Pernambuco e aprendeu aqui em Brasília a trabalhar em construções de edifícios. “No começo o medo prejudicava meu trabalho. Já apanhei muito do meu pai porque o serviço não rendia. Hoje, trabalhar nas alturas é um prazer pra mim, me sinto livre, tranqüilo. Faço meu trabalho como se estivesse com os dois pés no chão”.

O Distrito Federal possui um dos maiores canteiros de obras do país e, de acordo com dados de 2010 do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Distrito Federal, o Sinduscon, existem cerca de 40 mil trabalhadores formais em construções. Com tantas pessoas trabalhando nesta área, a fiscalização deve ser constante. Por parte do Sinduscon a fiscalização é feita diariamente, já que cada obra tem suas peculiaridades e seu desenvolvimento. A fiscalização é feita tanto proativamente, com a visita do fiscal, quanto reativamente, a partir das denúncias dos trabalhadores. Somente este ano, o Sindicato já encaminhou à Superintendência Regional de Trabalho e Emprego mais de 100 ofícios apontando irregularidades em canteiros de obras.

Para que a segurança dos trabalhadores seja garantida, o equipamento individual de segurança (EIS) é obrigatório e deve ser utilizado desde a entrada no local de trabalho. Segundo Alexandre Naoum, dono da construtora M. Valle, ao receber o equipamento de segurança, cada funcionário



Operário de construção civil trabalha nas alturas usando equipamento de segurança, mesmo com todas as precauções o perigo existe

assina um protocolo atestando o recebimento de todo o material. Naoum conta que a fiscalização em suas obras é permanente, mas que o trabalho na construção civil é realmente de alto risco. “Em mais de 20 anos de empresa, tive somente uma ocorrência de acidente grave. Há dois anos um operário colocou a cabeça no foço do elevador e o aparelho acabou caindo sobre ele. Apesar de estar usando todo o equipamento ele violou as regras de segurança da obra e veio a falecer”, conta o empresário.

Atendendo às normas de segurança, os funcionários devem aprender como utilizar o equipamento individual. Na construtora M. Valle os funcionários participam de palestras que ensinam a vestir e usar o equipamento, além de conscientizar os trabalhadores sobre a importância de trabalhar em um local seguro. As palestras acontecem anualmente, mas a frequência pode mudar de acordo com a demanda das obras. Alexandre faz questão de dizer que muitas vezes o próprio funcionário

não quer utilizar o equipamento: “eles reclamam muito de ter que usar todo o equipamento, dizem que é pesado, trabalhosos e incômodo”.

A utilização do equipamento individual de segurança pode ajudar em diversas situações, entretanto, existem acidentes em que o equipamento não consegue salvar a vida do operário. O EIS é considerado a última barreira para prevenir riscos, por isso, a implantação de outras medidas de segurança não podem ser descartadas. De acordo com o Sinduscon, este ano já foram contabilizados 14 acidentes fatais e 37 acidentes com lesões nos canteiros de obras em todo o DF. Os motivos dos acidentes são diversos. No caso dos acidentes fatais, 8 foram por queda de altura, 5 por soterramento e 1 por choque elétrico. Já os trabalhadores lesionados machucaram gravemente membros superiores e/ou inferiores.

É o caso de Carlos Alberto Ferreira que perdeu parte dos movimentos da perna esquerda por causa de um incidente

no trabalho. O pedreiro, que assenta cerâmicas em fachadas de prédios, conta que o acidente aconteceu foi causado pela má utilização do equipamento de trabalho. “Por ironia, o acidente não aconteceu lá em cima, assentando pastilhas, aconteceu por um descuido aqui embaixo mesmo. Na verdade eu não estava utilizando o equipamento de segurança corretamente. Acabei me desequilibrando e caí dentro de um fosso. Quebrei a perna em vários lugares e não consegui recuperar 100 por cento todos os movimentos da perna”, confessa o operário.

O Departamento de Segurança e Saúde do Ministério do Trabalho disponibiliza um manual para a utilização do equipamento individual de segurança e também explica como agir em caso de diversos acidentes. Segundo o manual, é mais importante priorizar a segurança coletiva através de medidas técnicas e medidas administrativas. As medidas técnicas são constituídas de objetos para prevenir acidentes, assim como telas de pro-

teção e guarda-corpos. Já as medidas administrativas determinam, por exemplo, que o operário, mesmo submetido a certo risco, deve revezar o trabalho com outra pessoa.

Mesmo com os riscos inerentes à ocupação, o trabalho na construção civil no Distrito Federal tem ajudado muitos operários a sair do desemprego. Segundo dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, o DIEESE, nos últimos 12 meses houve aumento de 1,2% no nível ocupacional. Entre as atividades que contribuíram para isso, está a construção civil, com 7 mil novos postos de trabalho.

A Copa do Mundo também alavancou os trabalhos na área. Com a construção do Estádio Nacional, Carlos Alberto continua trabalhando, mesmo com poucos movimentos em uma das pernas. “Não podia perder essa oportunidade, Pra mim é uma alegria ter voltado a trabalhar e ter conseguido uma vaga para ajudar a subir o estádio”, conta o pedreiro.

EXPEDIENTE



Reitor: Getúlio Américo Moreira Lopes
Vice-reitor: Edevaldo Alves da Silva
Pró-reitora Acadêmica: Elizabeteh Manzur
Pró-reitor Administrativo e Financeiro: Edson Alves da Silva
Secretário Geral: Maurício de Souza Neves
Diretor da FATECS: José Pereira da Luz Filho

Esquina
www.uniceub.br Jornal Laboratório do UniCEUB

Coordenador de Comunicação Social: Henrique Moreira
Professor Responsável: Luiz Cláudio Ferreira
Supervisor Técnico: André Ramos
Editor-chefe: Sérgio Vinícius
Monitor e Projeto Gráfico: Leonardo França
Diagramação: Flávia Franco e Sérgio Vinícius

Editorias

Cidades – Flávia Franco
Cultura – Gabriella Kolling
Esportes – Amanda Carvalho
Meio Ambiente – Ana Flávia Otero

Entre patrulhas e bicos, eles vivem

24 horas de estresse

Antes, durante e depois do expediente, eles são visados e podem ser alvos. Por isso, policiais militares vivem armados e com adrenalina à flor da pele, utilizam-se dos treinamentos exercidos na profissão para manter-se sempre alertas

Aline Carvalho

alincarvalhobelo@gmail.com

Amanda Carvalho

amandacarvalhobelo@gmail.com

Um salário líquido inicial superior a R\$ 4 mil e uma vida repleta de adrenalina, treinamento e muito estresse. Nem o salário que deixa inveja em policiais militares da maioria dos estados brasileiros pode ser definido como o principal estímulo para a carreira. Policiais militares que concordaram em ser entrevistados pelo jornal Esquina reconhecem o risco profissional e admitiram que investem em ganhos paralelos e irregulares ao fazerem os chamados “bicos”. O soldado B.N., 38 anos, conta que muitos amigos policiais fazem os “bicos”. Inclui ele trabalha no tempo vago em um comércio no Guará. “Eu chego a ganhar R\$ 2 mil por mês com esses trabalhos. Muitos já me conhecem e se sentem mais seguros com a minha presença. Os assaltos que eram frequentes na quadra diminuíram. Os bandidos sabem que eu estou aqui. É um risco, claro. Mas não sinto medo”. Contatada durante três semanas seguidas, a assessoria de imprensa da Polícia Militar não respondeu questionamentos acerca do número de feridos e mortos em serviço ou no tempo vago. Nem se manifestou a respeito das estatísticas de policiais afastados para tratamentos que são feitos em policlínicas.

O soldado J. C., 36 anos, que, desde 2003, trabalha na polícia diz que os bicos são atividades comuns. “Tenho amigos que trabalham na segurança particular de caminhões de cigarro, bebidas e alimentos”. Mas lamenta. “Infelizmente essa é a forma que nossos policiais têm de complementar a renda.” J. também já fez bicos. Em 2009, a onda de assaltos em micro-ônibus e vans levou os proprietários de transportes particulares a procurarem serviços de policiais à paisana. O soldado ficou oito meses trabalhando em micro-ônibus. “Os assaltos diminuíram bastante já que os vagabundos sabiam que poderiam se deparar com um policial à paisana dentro do micro no momento do assalto.”

Em Planaltina, J. C. e sua equipe resolveram criar um dossiê da criminalidade local. Em 2007, o soldado observou que



“Estar fardado já é um perigo. Dou valor ao que faço. E independente do risco, eu vou até o fim. Foi para isso que me tornei policial”, diz M.B

alguns policiais sabiam muito a respeito de determinada área da cidade, porém eram leigos sobre outras. O soldado também observou que os criminosos de Planaltina repetiam sempre os crimes. Para saber quem era um determinado criminoso, J. e sua equipe tinham que recorrer aos arquivos da Polícia Civil, o que demandava muito tempo e pouca ajuda. “Quando eles [Polícia Civil] nos cediam essas fotos, eram desatualizadas e em preto e branco, não servia muito. Por isso peguei as informações com os policiais que já tinham algum arquivo sobre os marginais da cidade e iniciei juntamente com minha equipe um cadastramento de todos os criminosos de Planaltina”. Hoje o trabalho da equipe tática de J. conta com um acervo de 1.500 criminosos identificados e fotografados. O soldado acredita que esse trabalho ajuda os policiais a identificarem os criminosos na hora do patrulhamento, para que todos sejam abordados e não passem despercebidos pelos policiais.

Com a criação do dossiê, os policiais sabem que estão se expondo ainda mais ao risco. “Os marginais focalizam mais aqueles policiais que sabem quem eles são e os crimes que já cometeram. Os policiais que os importunam onde quer que eles estejam são mais visados e identificados por eles. Que é o meu caso”. J. também sabe que é reconhecido pelos suspeitos nas ruas quando não está a trabalho. “Eles reconhecem, não todos, mas aqueles que já tiveram mais atrito e já foram pe-

gos mais de uma vez, esses nos reconhecem”. Para evitar que aconteça uma emboscada fora do horário de trabalho, J.C. diz que evita o uso de violência desnecessária. “Esse é o maior motivo de retaliações por parte dos criminosos contra policiais fora do serviço, eles entendem isso como covardia, e na verdade é”. J. também passou a evitar alguns lugares que andava antes, justamente por medo de sofrer algum atentado.

Orgulho

- “Estar fardado já é um perigo. Dou valor ao que faço. E independente do risco, eu vou até o fim. Foi para isso que me tornei policial”. A sensação do soldado M. B. também traduz o pensamento de policiais militares. O soldado, de 32 anos, que entrou na corporação recentemente, queria ser policial desde a infância. “Sempre quis ajudar as pessoas, combater o crime, sempre tive uma imagem muito positiva da polícia.” Mesmo com notícias sobre a corrupção dentro da corporação pipocando na mídia, o soldado tem amor ao que faz. “Ser policial é muito mais do que as pessoas imaginam. Na verdade, toda profissão tem os bons e os maus. Não podemos julgar a todos com o mesmo pensamento”.

O soldado C. O. 32 anos, assumiu o cargo em agosto desse ano e acredita na profissão. “Executar um trabalho como esse é inexplicável. A sensação de ajudar a quem precisa é muito gratificante. Não quis simplesmente ser um concursado.

Trabalhar com a polícia é algo muito importante” diz.

O soldado J. C. fala com orgulho da profissão que escolheu para seguir. “Ser policial é uma das poucas profissões que você pode interferir de forma tão positiva na qualidade de vida de uma comunidade. É gratificante retirar das ruas homens que vivem somente para cometer crimes”. J. se sente seguro trabalhando na polícia do Distrito Federal, mesmo a serviço em Planaltina, que segundo ele, é uma das cidades com a maior incidência de menores infratores do DF. “Se comparado com outras unidades da federação aqui é bem mais seguro para o policial militar, ainda não precisamos esconder a farda.”

Saúde x Profissão

Segundo fontes consultadas, outro problema que atinge a vida dos policiais são os afastamentos dos cargos devido a transtornos psicológicos. Para a psicóloga Luciana Oliveira, que não é da corporação, esses problemas são comuns dentro de profissões que exigem esforço físico e mental diariamente. “Esses profissionais lidam diariamente com o perigo e com todo tipo de pessoa e situações. É comum que se alterem e comecem a fazer o uso desenfreado do álcool, por exemplo.”

De acordo com informações disponíveis no site do Centro de Assistência Social do Distrito Federal (CASO) os policiais que apresentam problemas psicológicos são encaminhados para tratamento mediante problemas disciplinares dentro

da corporação, recomendação médica, determinação judicial ou por vontade própria. O sargento E.M., 42 anos, apresentou um grave problema de queda de cabelo diagnosticado por um alto grau de estresse. “Comecei a ficar muito nervoso. Cansado. O cabelo começou a cair, isso me preocupou. Procurei assistência. Fiquei afastado um período, mas, retornei as minhas atividades mais tranqüilo depois do tratamento.”

Antes tarde...

O soldado A.C., que trabalha há 13 anos na corporação, acredita que o seguro de vida que foi concedido aos policiais este ano veio tardiamente, porém oferece um pouco mais de segurança aos profissionais e suas respectivas famílias. “É sempre bom você se sentir mais seguro naquilo que faz. Ainda mais os policiais que se arriscam todos os dias para garantir a segurança. Sofremos todos os tipos de preconceito. Merecemos respeito e credibilidade.” De acordo com o site da Câmara dos Deputados, vários estados já pagam seguro de vida aos policiais. O entrave, é que as famílias só recebem a cobertura se o profissional morrer durante horário de trabalho. Um novo projeto é analisado na Câmara, em que é obrigatório o pagamento do seguro de vida em todo país, mesmo que os policiais estejam fora do horário de trabalho. A decisão da Câmara dos deputados anima o soldado. “Tenho filhos pequenos. Sei dos riscos que corro nas ruas. É bom ter uma garantia.”



Depressão e alcoolismo no distintivo da PF



Vigilância contra exploração ambiental é um dos maiores riscos

Manuela Rolim
manuela.rolim91@gmail.com

Marcos Verlaine
mverlaine@gmail.com

Imagine uma instituição na qual 74% dos funcionários têm problemas de alcoolismo. 38% têm depressão. 20,77% já pensaram em se suicidar e 8% usam algum tipo de droga. Essa é a situação dos policiais federais brasileiros, segundo o sindicato da categoria.

O presidente do Sindicato dos Policiais Federais do Distrito Federal (Sindipol-DF), Jones Borges Leal, abriu as portas da entidade para conversar com o **Esquina** sobre os riscos da profissão de policial federal. Entre muitos telefonemas que recebeu e fez, num frenesi extenuante, para um dia de poucas demandas para o sindicato, ele falou sobre as várias facetas da atividade da Polícia Federal. “O policial federal é policial 24 horas por dia”, comentou. Trata-se de uma profissão em que o profissional corre risco de morte em todo momento da atividade que executa.

Contraditoriamente, Leal, que está na corporação desde julho de 1988, quando passou em concurso público, disse que o policial corre mais perigo quando está “fora de serviço”.

“Quando se está trabalhando, você [o policial] está preparado. O risco é maior quando se está ‘fora de serviço’”, explicou. Segundo Leal, quando em serviço, o profissional se prepara, planeja a operação, está atento às possibilidades que estão colocadas para aquele momento. “O estresse, a adrenalina mantém você super ligado, pois qualquer vacilo pode custar a sua [do policial] vida ou a de um companheiro ao seu lado”, enfatizou. “No final de 2010, em apenas dois meses quatro policiais federais morreram em atividade”, lembrou.

O Departamento de Polícia Federal (DPF) tal como é conhecido hoje foi criado pela Lei 4.483, de 16 de novembro de 1964, que reorganizou o antigo Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP).

Essa reorganização do DFSP teve cunho político, pois o regime implantado pelo golpe militar de 1º de abril de 1964 precisava de uma polícia que operasse a repressão política aos opositores do regime recém instaurado no País em nível nacional, sem preocupações com as fronteiras internas e as jurisdições. Assim, se fez a reestruturação do órgão e o DPF passou a atuar no combate, com os demais aparelhos de coerção do Estado - polícias Militar e Civil e as Forças Armadas: Exército,

Marinha e Aeronáutica - no combate aos opositores do regime militar, sobretudo aqueles que atuaram na luta armada para tentar derrubar a ditadura.

Efetivo

A corporação é composta por 14.101 profissionais - são 1.742 delegados, 1.099 peritos, 1.870 escrivães e 6.158 agentes de polícia federal envolvidos mais diretamente no combate à criminalidade. Este número “teria que no mínimo multiplicar por 10” para que a polícia pudesse dar conta do serviço, chamou a atenção o presidente do sindicato.

Isto porque o policial tem uma jornada de trabalho de 40 horas semanais, com dedicação exclusiva e tempo integral. “Uma equipe que durante sua jornada de trabalho cumpriu uma missão pode ser acionada, depois da jornada, para cumprir outra. É um trabalho extenuante”, disse. “Num dia você está num estado do País cumprindo um mandato, no outro pode estar em outro estado com outra missão”, completa. Com este efetivo é impossível dar conta de todo o trabalho que deve ser cumprido pelos agentes, escrivães e papiloscopistas.

“Temos que combater o tráfico de drogas, o contrabando. Muitas vezes temos que operar

e coibir o crime em rios e lagos, cuja tecnologia ainda é muito amadora. É crítico o momento da abordagem de uma embarcação. Recentemente, a Polícia comprou equipamentos que ajudam nessas operações. Elas ajudam a dificultar a vida dos marginais e facilita a vida do policial, mas ainda temos muitas dificuldades”, destaca.

“São apenas dez policiais federais para tomar conta de 300 quilômetros de fronteira”, exemplifica para mostrar que o efetivo é pequeno e requer urgentemente uma multiplicação.

Profissão perigo

Em extenso documento preparado pela Fenapef (Federação Nacional dos Policiais Federais), que congrega os sindicatos de todos os estados do País, para discussão com o governo federal sobre projeto de estruturação salarial das carreiras do DPF chama a atenção o item “Risco de morte”.

Nesse trecho do documento, elaborado em junho de 2011, destaca-se a “peculiaridade, que pode ser considerada a mais grave, já que remanesce ainda que o indivíduo se aposente, seja exonerado ou demitido, é o risco de morte que acompanha o Policial Federal por toda a vida. Nos últimos meses, no trabalho de comba-

te a traficantes, faleceram dois agentes federais no estado do Amazonas e um em Pernambuco; combatendo assaltantes de bancos faleceram outros dois policiais, um em Curitiba e outro em Cuiabá.”

Ao mostrar estes dados, o presidente do sindicato chamou a atenção para o fato que diante de situações assim os policiais não têm o devido acompanhamento de psicólogos, embora esses profissionais existam na corporação. Entretanto, “eles [os psicólogos] não atuam como deveriam atuar”, critica Leal.

“Imagine você ver um amigo seu ser morto e você ter que ir trabalhar no dia seguinte como se nada tivesse acontecido. É muito complicado”, completa.

Outra situação para a qual Jones Leal chama a atenção é o fato de o recém-admitido na carreira ser deslocado para “áreas inóspitas, de florestas e fronteiras”. Neste quesito, o documento da Fenapef destaca que a maioria dos recém-ingressos na carreira são alocados, “em sua maioria, nas regiões de fronteira, localidades inóspitas, longínquas e de difícil acesso, sem infra-estrutura adequada e sem áreas de lazer, com baixa qualidade de vida e IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), e, como na Região Norte do País, focos permanentes de doenças como a temida malária.”



Presidente de sindicato diz que carreira exige sacrifícios. “O policial federal é policial 24 horas por dia”

PF EM RISCO

Pesquisa feita pelo sindicato da categoria, com 390 profissionais, apontou que:

- 90,26% sofrem de estresse;
- 74,87% têm problemas de alcoolismo;
- 38,46% têm depressão;
- 20,77% já pensaram em se suicidar;
- 19,74% têm síndrome do pânico;
- 40,26% sofrem de LER (lesão por esforço repetitivo);
- 24,36% já tiveram infarto;
- 8,97% usam algum tipo de droga;



Eles estão sempre na mira

Diferente do que alguns pensam, a rotina da profissão não tem nada de status ou glamour. Treinamentos vão além do expediente para encarar os riscos e emboscadas

A atividade do policial federal é celebrizada pela sociedade. E isso lhe dá ares de glamour. Mas os números desmistificam essa aparência. O serviço de psicologia do DPF, em novembro de 2006, apresentou uma pesquisa sob o tema "Clima Organizacional". Desse trabalho foram extraídos dados que impressionam e ao mesmo tempo esclarecem sobre o grau de satisfação dos agentes e escrivães.

Sobre as condições gerais de trabalho na PF: 82,21% dos agentes e escrivães consideram que não dispõem dos materiais e equipamentos que precisam para trabalhar ou só os têm raramente; 84,11% consideram que o plano de saúde oferecido pelo DPF não atende às suas necessidades; e 69,48% constataram a inexistência ou quase inexistência de um serviço de acompanhamento psicossocial.

Sobre doenças e males resultantes da profissão, pesquisa feita com 390 profissionais que responderam a um questionário, demonstra que, desses, 90,26% sofrem de estresse;

74,87% têm problemas de alcoolismo; 38,46% têm depressão; 20,77% já pensaram em se suicidar; 19,74% têm síndrome do pânico; 40,26% sofrem de LER (lesão por esforço repetitivo); 24,36% já tiveram infarto; e 8,97% usam algum tipo de droga.

No 5º Congresso Nacional de Excelência em Gestão, realizado em julho de 2009, foram revelados dados sobre a carreira no Departamento de Polícia Federal: 68,97% dos policiais estão desmotivados ou pouco motivados para o trabalho; 90% dos pesquisados não concordam que o seu trabalho ofereça oportunidades de progresso na carreira; 76% dos pesquisados não concordam que seu trabalho condiz com sua qualificação profissional; 72% discordam que suas atividades funcionais proporcionem oportunidades de crescimento pessoal; e 62% não concordam que têm o devido reconhecimento pelo trabalho que realizam.

Num quadro assim, a evasão da carreira é crescente, mostra o documento apresentado no

congresso. O êxodo dos servidores do DPF de 1994 a 2002, entre vacâncias e exonerações foi de 266 agentes, escrivães e papiloscopistas; e 88 servidores administrativos. De 2003 a 2009 houve 2.112 vacâncias e exonerações; e 258 administrativos deixaram o Departamento.

Prestígio

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), na pesquisa Sistema de Indicadores de Percepção Social (2010) sobre Segurança Pública, a Polícia Federal é a instituição de segurança com maior grau de confiança por parte da população, com índice de 82,5%; em seguida vem a Polícia Civil, com 74,1%; a Polícia Militar (72,3%); e a Guarda Municipal (68,1%).

Segundo o agente federal João Cunha, aposentado em 2010, essa confiabilidade de que desfruta a Polícia Federal tem relação com o "esforço de todos os servidores, independente de cargo, da atividade meio ou fim". E acrescenta: "O processo de conquista de confiança



da população vem das prisões divulgadas, das operações de grande porte, dos diversos serviços de atendimento ao público, como emissão de passaporte, do retorno que a sociedade espera de um órgão policial, com presença, isenção, honestidade e trabalho de inteligência."

Outra pesquisa, essa realizada pelo cientista político da Universidade de Brasília (UnB), Ricardo Wahrendorff Caldas, a pedido da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), revela que a Polícia Federal é

lembrada por 25,1% como a instituição mais relevante no combate à corrupção. Depois vem o Ministério Público com 22,8%.

Na mais recente pesquisa, realizada pelo Ibope, para aferir o nível de confiança da população brasileira nas instituições, a Polícia Federal ficou em segundo lugar, atrás apenas das Forças Armadas. Na pesquisa, 60% acham a PF ótima ou boa, 27% a veem como regular e apenas 10% acham-na ruim ou péssima.

PF: QUANTO CUSTA E O QUE FAZ

Segundo documento elaborado pela Fenapef (Projeto de Reestruturação Salarial – Mapeamento de Atribuições da Carreira Policial Federal), o custo estimado para formação de um policial federal é de aproximadamente R\$ 70 mil. O tempo total para formação de um PF não é inferior a 12 meses, desde a prova escrita até a efetiva posse no exercício do cargo.

O ingresso na carreira se dá por meio de concurso público. A Lei 9.266/96 exige para ingresso na corporação formação acadêmica e o artigo 144, parágrafo 1º da Constituição lista as atribuições da Polícia Federal, como por exemplo: investigar crimes financeiros; controlar a entrada, a permanência e a saída de estrangeiros no País; fiscalizar fronteiras marítimas, terrestres e aeroportos; realizar a segurança dos diplomatas no exterior, dos ministros e até dos candidatos à Presidência da República no período eleitoral.



Policiais civis sofrem com distúrbios, diz sindicato

Atendimento médico é insuficiente para quem sofre com as sequelas de uma profissão de risco



Policlínica da Polícia Civil na Asa Sul atende os servidores. Segundo a coordenadora da equipe de psicologia, os policiais levam problemas do trabalho para vida pessoal

Ludmyla Barbosa
ludierodrigues@gmail.com

Rafael Miller
miller.rafael@gmail.com

Thayza Resende
thayzarr@hotmail.com

Estresse emocional, risco eminente e sobrecarga na jornada de trabalho. Esses são apenas alguns dos problemas que policiais civis enfrentam ao longo da carreira. Tanto estresse durante anos de profissão causam sequelas nos policiais. Grande número apresenta síndrome do pânico, alcoolismo e dependência química, o que torna o risco da profissão ainda mais agravante.

De acordo com dados estatísticos da Policlínica da Polícia Civil do Distrito Federal, cerca de 12% de todo efetivo procura tratamento. Segundo a psicóloga Ângela Frota, coordenadora da equipe de Psicologia Clínica, a demanda é grande e existe uma lista de espera de meses para um acompanhamento psicológico.

A Polícia Civil do Distrito Federal é composta por cerca de sete mil funcionários. Para quem trabalha na área, esse número se mostra insuficiente para atender a crescente demanda por segurança. Com equipe escassa, o trabalho acaba ficando sobrecarregado, o que pode trazer consequências físicas e emocionais, além de aumentar os riscos da profissão.

Segundo o vice-presidente do Sindicato dos Policiais Civis (Sinpol - DF), André Rizzo, há 10 anos havia, em média, equipes com 15 agentes de plantão na 1ª e 2ª DP. Hoje, no entanto, existe cerca de dois ou três.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que houve um aumento populacional de 24,9% em 10 anos, enquanto o efetivo da polícia continua o mesmo desde 1993.

A previsão é que a demanda aumente gradativamente nos próximos anos e, com o efetivo policial permanecendo o mesmo, é de se esperar que a insegurança cresça da mesma forma. Isso não afetaria apenas os agentes da Polícia Civil, mas também a população, que pode ficar ainda mais exposta à onda de violência na cidade.

A escolha de Brasília como uma das sedes dos jogos da Copa do Mundo de 2014, que será sediada no Brasil, apresenta preocupações para a Polícia. Para Rizzo, existem grandes chances de a cidade enfrentar problemas de segurança. Isso porque o contingente da Polícia não suportará um evento desse porte.

O vice-presidente afirma ainda que outro problema é a falta de investimento. Por pouca de verba do Ministério Público, alguns policiais tiveram que tirar do próprio bolso as despesas da investigação de um caso de latrocínio de policial ocorrido esse ano em Samambaia. Os assassinos do agente, que foram libertados por uma liminar, foram encontrados meses depois no interior da Bahia, graças ao empenho dos policiais.

Os riscos e a falta de recompensa

A carga de estresse desses profissionais é muito grande. Os índices de agressividade aumentam e alguns, com maior fragilidade emocional, chegam a desenvolver paranóias e outros distúrbios psicológicos. Para tratar estes profissionais,

foi criada a Policlínica da Polícia Civil, com capacidade para atender cerca de 1.400 servidores.

De acordo com Ângela Frota, coordenadora da equipe de Psicologia Clínica, é comum policiais levarem os problemas do trabalho para a vida pessoal. O objetivo da Policlínica é proporcionar um atendimento terapêutico.

O tratamento pode durar anos, o que torna a lista de espera ainda mais demorada para quem busca começar a fazer terapia. “Esse é um meio muito frutífero para problemas psicológicos. É um privilégio o atendimento que é oferecido na instituição. Quem consegue tratamento diminui consideravelmente os sintomas que apresentam”, explica Frota.

Para André Rizzo, o tratamento para alguns traumas é superficial. “Uma das reivindicações da nossa paralisação é por um plano de saúde subsidiado”, lembra o policial. Em alguns casos apenas o acompanhamento não é suficiente porque os problemas são ainda mais graves, como casos de agentes que não conseguem se recuperar por ter matado alguém.

Casos de agentes feridos em campo não são raros e não são tratados com a seriedade necessária. Já casos de aposentadoria por invalidez são mais raros. De acordo com Ângela, isso se deve ao fato da medicina do trabalho na policlínica ser muito rigorosa. Muitas vezes, quando os policiais não podem voltar às ruas por conta de algum acidente de trabalho, são aproveitados em outros setores e só se aposentam quando as sequelas tornam o indivíduo incapaz de exercer qualquer função.

A aposentadoria dos agentes é diferenciada, o fim da carrei-

ra acontece relativamente cedo se comparada com outras profissões. “Isso não deve ser visto como uma benesse, mas como algo de interesse social. Porque o policial deve ter condições de exercer seu trabalho com destreza”, explica André.

Para ele, a aposentadoria diferenciada é uma ferramenta que garante a qualidade do trabalho dos policiais. Um agente com idade avançada não tem condições de ser colocado em situações de combate, porque não terá a mesma habilidade de um policial jovem.

Rizzo ainda afirma que tudo isso pode ficar ainda pior. Existe um projeto de lei no Congresso Nacional que quer acabar com a integralidade da aposentadoria dos policiais feridos em serviço. Ou seja, o Estado, que deveria reconhecer o trabalho do policial, acaba fechando os olhos para os riscos que ele corre.

Lobby e segurança

O armamento usado pela Polícia Civil é adquirido por licitação. André Rizzo explica que as armas adquiridas são prioritariamente de uma única marca,

por causa de um forte lobby em defesa do mercado nacional. “O armamento da Tauros, embora preencha os requisitos básicos de qualidade, está longe de ser um material de ponta”, afirma André.

Peso, material e confiabilidade do armamento, que pode travar a qualquer momento, são as principais queixas citadas pelo policial sobre as armas. Uma arma travada no momento de um tiroteio, por exemplo, pode representar grande perigo. O policial pode não ter tempo suficiente para corrigir essa falha, e fica entre a vida e morte.

Para evitar qualquer tipo de risco em campo, muitos policiais fazem a escolha de adquirir, com o próprio dinheiro, armamentos de outras marcas, que consideram ser mais avançados e confiáveis na hora do confronto corpo a corpo. “Quando estamos enfrentando os criminosos, o combate acontece em distâncias de até 2 metros. Não podemos arriscar ter um armamento que não funcione na hora” conclui.



Ângela Frota, coordenadora da equipe de Psicologia Clínica da Policlínica da PC lembra que a demanda por atendimento é grande

O arriscado sustento sobre duas rodas

Acidentes com motos crescem enquanto os demais acidentes fatais diminuem. Na última década, a frota de motocicletas no DF aumentou mais de cinco vezes, atualmente são cerca de 1.249.928



Em 2011, foi sancionada a lei nº 12.436/11, que “veda o emprego de práticas que estimulem o excesso de velocidade por motociclistas profissionais”, a multa chega a R\$3 mil

Camila Alencastro
milaalencastro@gmail.com

Flávia Franco
flavia.sf25@gmail.com

Brasília, segunda-feira, seis e vinte da manhã. Claudinei Lopes acorda, faz sua rotina diária de tomar café-da-manhã, checar o tempo, e se preparar para ir trabalhar. Antes de sair de casa, pega a jaqueta, o capacete e faz uma oração para que Deus o proteja nesse novo dia de trabalho arriscado. Claudinei tem 28 anos e é motoboy desde 2005. Para ele, todo dia que chega em casa são e salvo, é uma vitória. “É uma profissão muito arriscada. Você pode ter prática, ser bom motorista, mas nem tudo depende só de você. Você tem que ter cuidado dobrado, triplicado. Quanto mais, melhor, porque os outros motoristas não prestam atenção na sua moto. O trânsito é cruel, essa é a verdade. E quem tá em cima de uma moto está muito mais exposto que qualquer outro em algum veículo diferente”, diz o motoboy.

A afirmação de Claudinei não é baseada somente em experiência própria. Dos 249 mil condutores de moto regularizados do Distrito Federal, cerca de 18 mil atuam como motoboy. A função, apesar de ter sido reconhecida como profissão somente há pouco mais de dois anos, surgiu na década de 90, com o desaparecimento da figura do office boy, que não conseguia

conciliar a demanda do escritório com o tempo curto e os engarrafamentos. Então, os ônibus e caminhadas do office boy evoluíram para a agilidade e rapidez do motoboy. E o número de profissionais cresce a cada dia, buscando suprir a demanda de diversos setores quanto à rapidez e facilidade na entrega de produtos e realização de serviços.

Segundo dados do Departamento de Trânsito do Distrito Federal (Detran/DF), entre 2000 e 2011, a frota de veículos do DF dobrou, foi de 585.424 para 1.249.928. Já o número de motos aumentou mais de cinco vezes (crescimento de 431%). Em 2000, eram 25.973, cerca de 4,43% do total de veículos, já em fevereiro de 2011, chegaram a 137.962, somando 11% dos veículos. Isso sem contar as motocicletas que não estão regularizadas.

A rua, local de trabalho do motoboy, é perigosíssima. E muitos motoristas são imprudentes e/ou desatentos. A discussão em torno dos condutores de motos é delicada: independente de quem for a culpa, a realidade é que os acidentes com motos, sejam estes fatais ou não, aumentam a cada dia. Há muita gente despreparada e até sem habilitação. Dos habilitados, são poucos que seguem o Código Brasileiro de Trânsito, que prevê que as motos devem ocupar o mesmo espaço que um carro. E o desrespeito quanto a essa lei é notório, já que qualquer um pode ver motoboys “costurando” o trânsito, fazendo corredores entre as faixas de carros etc.

Claudinei, apesar de concordar que tem muito profissional ruim e “malandro”, que arrisca a própria vida por nada, garante que o respeito dos veículos maiores com os motoboys é praticamente zero. “Os carros e ônibus espremam a gente, ‘jogam’ os motociclistas pro lado mesmo, sabe? Fica difícil não andar na parte que divide uma faixa da outra”, ressalta o motoboy.

Ao ser questionado sobre a imprudência de motoboys no trânsito, ele pondera que a atitude depende de cada profissional e a responsabilidade e o amor que cada um tem pela vida. “Tudo é uma questão de comportamento. Tem motoboy irresponsável, que se joga na frente dos outros, corta todo mundo, anda em calçada no meio de pedestres pra cortar caminho e tempo? Tem. Mas também tem os que são bastante profissionais. No trânsito, cada motorista, seja de carro, ônibus, moto, tá preocupada com ela mesma, e o motoboy é só mais um. Um motorista de ônibus imprudente no trânsito é até pior que um motoboy. A diferença é que no ônibus, ainda tem várias vidas além da dele em jogo”, criticou.

De acordo com estudo realizado pelo Detran/DF, o número de acidentes fatais com motos cresceu de 58, em 2000, para 151, em 2010. Ao longo dos anos, ocorrências sem envolvimento de motos diminuíram cerca de 15,2%, enquanto as

que envolvem o veículo cresceram de menos de 15%, em 2000, para 35% em 2010.

Claudinei destaca ainda a pressão que eles sofrem das empresas que trabalham para que o serviço seja eficaz, baseado na rapidez de entrega. Apesar de uma lei federal ter sido sancionada neste ano proibindo as empresas de estimularem a velocidade excessiva para cumprir os prazos, tem muita gente que ignora a decisão e a multa prevista, de até R\$ 3 mil: “Se eu te falar que a pressão não diminuiu, vou estar mentindo. Mas a verdade é que ali ninguém tá preocupado com você. O chefe quer ganhar mais e mais dinheiro e o cliente quer o serviço/produto de imediato”.

A lei promulgada no dia 6 de julho deste ano, de autoria do senador Marcelo Crivella (PRB/RJ), é a de nº 12.436/11. Ela “veda o emprego de práticas que estimulem o excesso de velocidade por motociclistas profissionais”. A lei proíbe que empresas ofereçam prêmios por cumprimento de metas, como entrega em um prazo determinado, o que era prática comum de pizzarias e redes de fast-food. A legislação também proíbe qualquer tipo de competição entre os motoboys para aumentar o número de vendas.

O estresse causado pelos riscos da profissão foi estudada em 2010 por pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Entre os 101 participantes selecionados, que tiveram suas condições de saúde mental avaliadas,

75% apresentaram pelo menos um diagnóstico de doença psiquiátrica – como crises de ansiedade, mudanças bruscas de humor, transtornos de personalidade, além de abuso de álcool e drogas. Dentre eles, 54% foram diagnosticados com dois ou mais fatores de transtorno psicológico. Para lidar com o estresse e problemas provenientes da profissão, 43,6% recorrem ao álcool, 39,6% à maconha e 32,7% à cocaína, o que agrava o cenário de risco.

A jornada de trabalho extensiva também é um fator de destaque: a grande maioria dos motoboys trabalha cerca de 10 horas por dia, muitas vezes todos os dias da semana: “de segunda a segunda”. Muitos deles também terminam o turno do dia e emendam em algum serviço de tele-entrega de comida ou farmácia: “Eu já fiz muito isso [jornada dupla de trabalho], mas hoje em dia não me arrisco mais tanto assim não. A maioria dos colegas que eu conheço se acidentaram indo ou voltado do trabalho pra casa, na hora que estavam ou cansados pela manhã porque trabalharam de noite ou porque trabalharam o dia todo. É muito estressante. Tem dia que dá mesmo vontade de sentar num bar pra tomar ‘umazinha’, e, apesar de já ter feito, não tenho mais coragem. No meu caso, acho que esse receio veio quando minha filha nasceu, porque aí eu tinha um motivo maior que a minha própria vontade pra cuidar da minha vida. A Bruninha é minha razão de viver”, conta.



Profissão bombeiro: um erro pode ser 'o erro'

“Vidas alheias e riquezas salvar”. Com o lema, o Corpo de Bombeiros do DF persegue uma grande missão: proteger vidas, patrimônio e meio ambiente. A profissão envolve riscos, acidentes e erros por vezes não podem ser evitados



Camila Griguc
camila.griguc@gmail.com

Natalia Aquino
nat.godoy.aquino@gmail.com

A frase do título é uma definição dos próprios bombeiros para a profissão deles. Ela está associada a heroísmo para a maioria das pessoas, afinal, são eles que arriscam a vida para que outros sobrevivam. Segundo o Centro de Comunicação Social do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF), a profissão, hoje, possui riscos muito menores do que em outras épocas. Mas, mesmo assim, esses profissionais continuam sujeitos a falhas humanas e ao acaso das operações de trabalho.

O comandante geral do CBMDF, Márcio de Souza Matos, explica que estão previstos –

como serviços prestados atualmente pelo Corpo de Bombeiros – salvamentos, combates a incêndios urbanos e florestais, serviços de busca e resgate em estruturas colapsadas e mergulhos em superfícies submersas. Em todos esses trabalhos o bombeiro em ação fica exposto a riscos dos mais diversos tipos. A corporação do Distrito Federal, que conta com todos estes serviços, está dividida em 26 unidades de atendimento a emergências, estrategicamente distribuídas em todo o território da unidade da federação. A CBMDF possui um efetivo de 5.487 bombeiros militares.

Segundo o subcomandante do Centro de Comunicação Social do CBMDF, Eduardo Luiz Gomes, o que mais compromete a segurança coletiva dos bombeiros em uma operação, em geral, são os acidentes de maiores proporções. Coletivamente, afirma o subcomandan-

te, a maior preocupação são os grandes incêndios. “Incêndio florestal se encaixa em uma operação de grande risco, nós já perdemos viaturas cercadas pelo fogo. Ali sim o bombeiro está exposto. Fora isso, existem riscos isolados de cada operação. Por exemplo, o mergulho é muito arriscado. Não existe mergulho fácil. Em mergulhos em lagos existem galhos, falta de visibilidade e a hipótese de pane nos equipamentos utilizados”, explica.

Entretanto, a presença da tecnologia tem influenciado diretamente esses números. Os índices de acidentes de trabalho têm diminuído drasticamente. “Treinamentos especializados e equipamentos de última geração são fatores que contribuem para um trabalho mais seguro”, afirma o subcomandante.

Sentir medo é normal

O subtenente do Grupamento de Busca e Salvamento do Plano Piloto do Distrito Federal, Edson Gilberto Oliveira, 42 anos, dedicou 20 anos de sua vida ao Corpo de Bombeiros. Trabalhar nesta profissão, para ele, é dedicação total, já que é preciso se conhecer muito bem para lidar com os próprios medos. “Eu sinto medo, é normal. Anormal seria não sentir. A gente sabe que corremos. Afinal, é tudo real, não é brincadeira. Não existe um erro, existe o erro, porque é o último que você vai cometer”, afirma enfaticamente.

Hoje, com duas décadas de profissão, o subtenente afirma

gostar muito do que faz. “Antes, quando você entra para o Corpo de Bombeiros, o medo bate muito. Depois, você se familiariza. Quer dizer, ou você se acostuma ou você sai logo”, explica.

Edson contou à equipe de reportagem do jornal Esquina sobre uma das histórias de risco mais marcantes da vida profissional dele. Certo dia, o subtenente foi deslocado do quartel para a seguinte operação: desviar um caminhão do Exército carregado com oito toneladas de explosivos que havia capotado em uma BR próxima ao Distrito Federal. Por possuir curso que lida com produtos perigosos, Edson foi escalado para o serviço. O trabalho foi árduo. Durou das nove horas da manhã às onze da noite daquele mesmo dia.

Os bombeiros se deslocaram com duas viaturas. Ao chegar lá, se juntaram a policiais rodoviários e a militares do Exército Brasileiro. Todos se reuniram para o que de costume é feito, um briefing com todo o pessoal para traçar o que deveria ser realizado na operação. Ao distribuir as funções, a Polícia Rodoviária ficou responsável por organizar o trânsito do local e sinalizar o tombamento do caminhão para outros veículos que passassem na pista.

Errar é humano

Apesar do baixo índice de acidentes, falhas humanas acontecem. Principalmente quando existem ruídos na comunicação entre as pessoas. O veículo

havia capotado depois de uma elevação na pista. De acordo com o ponto de vista dos policiais rodoviários – que estavam antes do lugar elevado – o veículo havia tombado em uma subida. Já para os bombeiros – que estavam sob outra perspectiva – o caminhão estava virado em uma descida. Assim, o isolamento feito pelos rodoviários foi realizado em um local equivocado.

Para desespero de todos, outro caminhão que trafegava pela BR furou a barreira de proteção. Por ser uma descida, o veículo ganhou grande velocidade e aceleração. A sirene da polícia rodoviária disparou. Naquele dia, Edson era o oficial de segurança da operação (uma espécie de comandante que, ao notar algo de errado, deve, imediatamente, pará-la). O subtenente, ao perceber que algo estranho acontecia, apitou três vezes – o número sinalizava que a operação deveria ser interrompida imediatamente.

O momento foi sincronizado e decisivo. Os veículos que serviam como segunda barreira de proteção foram deslocados para a frente pelos motoristas: distância exata para que o caminhão não se chocasse contra todos que estavam envolvidos na operação e, evidentemente, contra a carga de explosivos. Segundo o subtenente, se isso acontecesse, todos morreriam, já que uma das bombas que estava no veículo possuía grande raio de destruição. “Foi coisa de mão de Deus mesmo”, acredita o bombeiro. +



“Treinamentos especializados e equipamentos de última geração são fatores que contribuem para um trabalho mais seguro”

Quando a vítima é o risco

É importante ressaltar que, por questões institucionais, os dados relativos ao número de acidentes ocorridos com profissionais bombeiros não são divulgados pelo CBMDF.

“O número de acidentes de trabalho que envolve bombeiros é muito pequeno em relação ao número de ocorrências que nós atendemos”, afirma Eduardo. Mesmo assim, o oficial explica que existem situações em que não é possível fugir do perigo. Os casos de vítimas com problemas psiquiátricos são os principais. “Às vezes a vítima está em tratamento e não tomou o remédio controlado. Ela pode estar armada, se tornar perigosa, mesmo assim nós temos que ajudá-la. Logo, é inevitável usar a força. Nesses casos não tem saída, a nossa psicologia é a força”, conta o subcomandante.

Essas situações são especialmente perigosas para bombeiros. Eduardo Gomes, que está no Corpo de Bombeiros há 16 anos, conta que já vivenciou diversos casos. “Já atendi várias vítimas que estavam com faca e com arma, é um perigo muito grande, pois envolve força e um trabalho específico e delicado”. A princípio o bombeiro tenta conversar, mas ele só pode ir até um certo ponto. O profissional estuda o comportamento da vítima e tenta auxiliá-lo. Se o paciente oferecer ameaça contra si ou contra terceiros eles são obrigados a utilizar força. “Se ele estiver com uma faca, temos que usar colchões para abrir a porta, se ele estiver armado, precisamos de uma ação mais elaborada”,



“Hoje em dia, os equipamentos ajudam, o que diminui o esforço físico do profissional e, conseqüentemente, o risco”, conta militar

explica Eduardo. Esse ano, em Brasília foram 817 tentativas de suicídios evitadas pelo Corpo de Bombeiros. Para isso, é preciso haver muito estudo e treinamento específico por parte dos profissionais bombeiros.

Uso da tecnologia para minimizar erros humanos

Segundo o Centro de Comunicação Social do CBMDF, com o passar do tempo, a melhoria da infraestrutura do Corpo de Bombeiros foi essencial para que acidentes fossem evitados. Tudo isso devido a avanços tecnológicos. Antes, não se usavam luvas e vestuários adequados (as chamadas roupas de aproxima-

ção, desenvolvidas com tecido próprio), óculos de proteção e nem capacetes.

“Antes você ia para um socorro e voltava com a roupa toda suja de sangue, em contato com a pele. Não havia tanto medo de pegar uma doença, como hepatite ou AIDS. Foi uma época em que os bombeiros se contaminavam muito, no início da década de 90. Hoje mudou bastante. Eu mesmo já cheguei a ficar com a roupa toda suja de sangue por 24 horas”, desabafa o subtenente Edson Oliveira.

A cabo Camila Rodrigues, 30 anos, está há 11 anos no Grupamento de Busca e Salvamento e concorda que, por conta da tecnologia, o trabalho dos Bom-

beiros deixou de ser tão braçal. “Hoje em dia, os equipamentos ajudam muito, o que diminui o esforço físico do profissional e, conseqüentemente, o risco de acidentes”, conta. Camila, atualmente, é a única bombeira mulher do batalhão. Para a cabo, o desenvolvimento da tecnologia contribuiu, inclusive, para a inserção da mulher como profissional do Corpo de Bombeiros.

Ela ‘entrou de paraquedas’ na profissão, segundo ela mesma disse, já que foi aprovada no concurso e precisava daquele salário para pagar a faculdade que queria cursar. Hoje, considera gratificante o que faz. “Mais do que a gente dar va-

lor, nós vemos o quanto que as pessoas dão valor para o que a gente faz”, afirma. Ainda assim, Camila contou que a família dela sempre se preocupa com os riscos da profissão escolhida.

O comandante-geral do CBMDF, Márcio de Souza Matos, confirma que o Corpo está com “diversos projetos de vanguarda”, como a aquisição de modernas aeronaves para combater incêndios florestais, a construção de unidades operacionais sob um modelo que privilegia o uso otimizado dos recursos humanos e materiais, a reforma de algumas unidades, além do reaparelhamento que visa a modernização de materiais e serviços.

A atuação do Corpo de Bombeiros no Distrito Federal

Se comparada com as demais cidades do país, Brasília é uma cidade nova, com construções recentes, o que diminui riscos de explosões e incêndios no local. Mesmo assim, apesar de planejada antes de ser construída, não se imaginava a cidade crescer tanto. “Existem pontos de riscos mapeados no Distrito Federal, como o Setor Comercial Sul e o Setor Bancário, onde as viaturas não conseguem manobrar devido ao grande número de veículos. Incêndios nessas áreas com certeza prejudicam o nosso trabalho, afirma o subcomandante de Comunicação Social do CBMDF, Eduardo Luiz Gomes. Em contrapartida, segundo o bombeiro, ao analisar Brasília como um todo, a partir de suas vias largas e retas, a atuação se torna eficiente.

A área operacional do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Fede-

ral é referência nacional. A situação do profissional bombeiro de Brasília é bem diferente da realidade contestada pela greve da classe em todo o país em junho de 2011. O subcomandante explica essa disparidade: “Isso acontece por que aqui temos muito investimento no nosso ambiente de trabalho, nas viaturas, nos cursos que nós temos acesso, e em outros muitos detalhes que nos diferenciam”.

O bombeiro acredita que o problema dos outros lugares é uma questão política. “O Corpo de Bombeiros pode ser estadual ou distrital, que é o nosso caso. Se eu consigo um aumento aqui, não quer dizer que um bombeiro do estado do Rio de Janeiro também vai conseguir. Por isso existe essa discrepância. Mas isso não significa que o Corpo de Bombeiros de Brasília ganha bem, eles é que ganham mal. Nós arriscamos a

vida, ou seja, precisamos de valorização, e em alguns casos, isso não é enxergado”, indica o subcomandante. Hoje, o salário bruto de um bombeiro é de 5.000 mil reais.

As secas e o grande número de chamados do CB

Apesar de não poder divulgar, o Corpo de Bombeiros Militar do DF afirma que o número de acidentes devido a queimadas no cerrado é muito alto. O órgão explica que o fato é decorrente do longo período de seca que a cidade enfrenta todos os anos, geralmente de maio a outubro. Em 2011, segundo dados do CBM, o DF registrou mais de 110 incêndios em apenas 106 dias.

“Não há como evitar a seca, é um evento ambiental natural”, explica o subcomandante da Comunicação Social do CBMDF Eduardo Luiz

Gomes. “O soldado trabalha com riscos, por isso, cada informação é importante. Na hora do fogo, temos que colocar em prática o treinamento, o trabalho em equipe e o uso do equipamento de proteção”, completa. Nas ações florestais todos são protegidos com capacete, luva, gorro de lã colocado antes do capacete, roupas protetoras e máscaras. Durante a seca no cerrado deste ano, cerca de 350 homens trabalharam nas emergências.

Para enfrentar a seca de modo mais controlado, operações específicas são realizadas. Como a Verde Vivo, como é chamada a extinção do fogo na floresta na qual é implementada uma escala em que os bombeiros aumentam o número de horas de trabalho e ficam no quartel à espera de um chamado, com a roupa de incêndio no corpo.



Luta contra o fogo

Duas em uma. Por vezes três. Na verdade, seu esforço solitário, vale por uma cidade inteira



Ela está há 16 anos nessa "luta". Por chamar os bombeiros várias vezes, aprendeu com eles, e com a grande curiosidade pela natureza que possui, o que sabe sobre fogo

Flávia Otero

anaflavia.otero@gmail.com

Maristela Tokarski, 58 anos, é duas em uma. Por vezes três. Na verdade, o esforço solitário dela, vale por uma cidade inteira. De segunda à sexta é a proprietária de uma bonita clínica de estética no Edifício Metropolitan, Asa Sul. Vestido, salto alto, sombra e lápis nos olhos, colar de pérolas, é assim que a branquíssima paranaense de 58 anos, cabelos loiros curtos e olhos verdes atende os clientes. Porém, aos sábados e feriados, o visual muda para calça jeans, camiseta, camisa de manga comprida folgada por cima, bota, luvas grossas, chapéu de palha e muito protetor solar. É dessa forma que ela sai de manhã da grande casa em que mora no Park Way para fazer pela natureza o que, ali, ninguém mais se interessa.

Na companhia do caseiro Galego (Hudson) e do diarista Zé, faz o que for preciso para apla-

car ou evitar o fogo. Apagam o que estiver aceso, fazem acero (tipo de barreira na mata para evitar que o se alastre), tentam conter o subterrâneo. Esse é tipo de fogo que queima abaixo da superfície. "Não tem labareta, fica embaixo da terra", conta. Segundo ela, a fumaça só aparece até nove horas depois do início da queima, após isso, não há sinal do fogo que continua a se expandir. Ela marca com plástico o local onde a fumaça aparece, para quando os bombeiros chegarem, localizarem os focos. Mas eles não conseguem apagar completamente. Não possuem equipamentos, nem contingente para isso. Na época da seca em Brasília, não é só esse pedaço do Park Way que incendeia. Bombeiros precisam apagar tudo, não dão conta. Segundo ela, só com doze horas de chuva forte se consegue extinguir esse fogo, o que evidencia enorme dificuldade para apagá-lo. "Muitas árvores que eu vi ontem, hoje estavam tombadas. Já chorei muito nessas matas", conta. Ao olhar a

mata queimada por fogo subterrâneo, ela explica que o estrago é ainda maior no interior do solo. "Ele queima mais de vinte vezes o que a gente consegue ver", diz.

Ela está há 16 anos nessa "luta". Por chamar os bombeiros várias vezes, aprendeu com eles, e com a grande curiosidade pela natureza que possui, o que sabe sobre fogo. É enfermeira e fez curso de estética em Buenos Aires. Diz que sempre quis ajudar o outro, e consegue isso com o trabalho. "Adoro o que faço, consigo tirar o pão de cada dia e fazer as pessoas felizes com a própria aparência", afirma. Mas a paixão que sente é pela natureza. "A gente tem que deixar o mundo um pouquinho melhor do que encontrou. Dinheiro é consequência", explica. Fala muito rápido. "Eu sou muito agitada, tenho que colocar música calma para me acalmar. Eu sou meio doida, você tem que ter paciência comigo", fala a sorrir.

"Não quero voltar, quando saio para a mata, fico lá o dia todo", conta. Lá, esquece-se de tudo. Mais de 30% do que ganha gasta com o meio-ambiente. Diz que deixa de gastar com ela. "De que adianta ter uma jóia se não tiver mais nada, estiver tudo queimado?", questiona. Aos sábados e feriados, gasta cerca de 150 reais (70 são da diária de Zé, o resto para almoço dos dois empregados, combustível e o algum extra que sempre surge). Ela calcula que o dinheiro gasto em todos esses anos gira em torno de 70 mil reais. Acha que daria para comprar um carro "dos bons". Além desses dias, sai diaria-

mente uma hora mais cedo para ver se há algum foco de incêndio, conversar com caseiros e moradores, explicar o perigo de queimar o lixo etc. "Faço educação ambiental no meu dia-a-dia. Já ando com água no carro", ela explica.

Nessas checagens, já sofreu duas ameaças de morte por questionar invasões de área pública, que destroem nascentes. "Se você voltar a reclamar, eu vou te pipocar", segundo ela, foi o que disseram. Explica que pessoas muito mais ricas que ela moram ali e não se importam com a natureza, com as queimadas. "Muito dinheiro, mas sensibilidade zero. Só olham para o próprio lote", ele se indigna.

Falta de apoio

Todos se beneficiam do que ela faz, mas ninguém se interessa em ajudá-la. Já enviou e-mails para moradores, colocou na internet, deixou panfletos nas casas dos condomínios vizinhos. Neles, explicava o trabalho que faz e a importância dele para preservar o que ainda resta de mata na região. Não obteve resposta de moradores do Park Way. "Nunca mandaram nem um caseiro para me ajudar", diz sentida. A única ajuda que recebeu foi de um casal de sobradinho. Os dois se sensibilizaram e a auxiliaram por dois dias. "Eles nem moram aqui e vieram me ajudar. Aqui, todo mundo passa, faz caminhada em frente aos terrenos queimados e não se importa, são muito omissos", ressalta.

Ela conta que a reserva natural do Park Way era muito maior quando foi morar ali, há 16 anos. Segundo ela, se nada

for feito, as queimadas irão destruir tudo. "Isso é uma tragédia, o brasileiro não tem noção", afirma. Ela sabe que sozinha não dará conta, mas mesmo assim, está certa que sem ela a situação estaria muito pior.

Tenta apagar o fogo subterrâneo com uma bomba que joga grande volume de água na terra. Já arriscou a vida uma vez. Passou por cima do lugar que queimava com gasolina e os funcionários com a bomba, já que para conseguir apagar, precisavam estar em cima dos focos. Ela optou por segurar o mais perigoso. Pensou que se era para colocar a vida de alguém em risco, preferia que fosse a dela. "Se caísse ali, adeus", relembra. Mas o fogo queimou a mangueira da bomba. Isso acontece várias vezes. Sozinha ela não consegue. "Precisava de mais gente, um grupo", diz pensativa.

Também enviou telegramas para o governador (na época, Rogério Rosso) e o presidente do IBRAM (Gustavo Souto Maior). Nenhuma providência foi tomada. "Se tivessem feito algo aqui, com certeza as queimadas posteriores não teriam feito tanto estrago", diz ao olhar a data de envio (21/01/2010) dos telegramas. "Eles não se importam porque não é isso que dá voto", explica.

Com o fogo do ano passado gastou dez mil reais. Associação do Park Way doou 500 reais, um vizinho deu 100 e o cunhado mais 100. "O resto ficou por minha conta", explica. Mas a enfermeira comemora e se orgulha de ser responsável por cuidado que extrapola o financeiro.



Vigilância contra exploração ambiental é um dos maiores riscos

Catadores admitem machucados frequentes na rotina com o lixo

Bruna Viana
brunajc@hotmail.com

São sete horas da manhã e Ivalnido Gomes já está no trabalho. Morador da Vila Estrutural há trinta anos, optou por viver ali para ficar mais próximo de onde trabalha: o lixão. Ele é catador de materiais. Diz que não teve outra opção. “Eu não tinha outra coisa para fazer. Comecei a catar lixo na rua quando era criança, junto com meu pai. Então, vim morar aqui, trabalhar no lixão mesmo”. Ali, o catador mostra a habilidade que os anos lhe trouxeram. Assim que os caminhões depositam o lixo, entra numa verdadeira disputada com os demais colegas de profissão. “Quando chega o caminhão, a gente tem que ser muito rápido, pegar logo o que pode ser vendido antes que passem as prensadoras”, conta. Ele diz ainda que muita gente já se machucou nessa disputa. “Todo mundo que trabalha aqui já viu alguém se ferir ou já saiu ferido. Já vi gente morrer atropelado por caminhão enquanto catava lixo. Eu mesmo sou marcado. Machuquei o dedo quando mais novo, num pedaço de ferro no meio do lixo. Tive que amputar”, ele fala enquanto aponta a mão esquerda sem o dedo mindinho.

Acidentes como o de Ivalnido são comuns na vida dos catadores. Solange Cabral trabalhou na assessoria jurídica do Serviço de Limpeza Urbana durante oito anos e conta que acompanhou diversos casos que envolviam acidentes com catadores no Lixão. “Na disputa pela preferência do lixo, os catadores eram frequentemente atropelados pelos caminhões. A briga era tão acirrada que eles não



“Devido ao manuseio do lixo, é muito frequente que ferimentos simples se tornem graves infecções”, afirma a ex-assessora jurídica do SLU

esperavam o caminhão parar. É uma cena triste ver as pessoas brigarem e se ferirem, parece uma briga de urubus mesmo”. Ela afirma ainda que além dos acidentes, catadores também sofrem risco de contaminações. “Devido ao manuseio do lixo, é muito frequente que ferimentos simples se tornem graves infecções”, afirma a advogada.

Para esse trabalho, não tem idade. Crianças e idosos procuram o que pode ser transformado de lixo em dinheiro. No lixão, é proibida a entrada de crianças para trabalhar. Entretanto, as vezes é possível observar uma criança ou outra ajudando os pais no trabalho. Lúcio Silva tem apenas quatorze anos e é catador desde os oito. “Eu precisava ajudar meu pai. Tinha que catar garrafa para

vender”, conta o menino. Os pés sujos e cheios de ferimentos são as marcas que o adolescente traz do trabalho pesado que enfrenta todos os dias. “Já machuquei o pé com caco de vidro. Foi um corte fundo, fiquei sem andar muitos dias. Tive que melhorar rápido para voltar a trabalhar”, lembra. Quando questionado se estuda, ele diz sério como um adulto: “Não dá tempo. Meu pai não consegue mais catar lixo nas ruas, tenho de trabalhar para minha família”, revela.

Segundo o IBGE, coleta-se no Brasil 125.281 mil toneladas de resíduos domiciliares. Estima-se que um a cada mil brasileiros faz desse lixo a própria fonte de renda. Entretanto, não é só no Lixão que eles exercem essa função, há também aqueles que trabalham com cooperativas ou

empreendimentos legalizados e os chamados catadores individuais, que catam lixo na rua por conta própria.

Eles enfrentam o lixo em busca de garrafas plásticas, sacos de lixo, latas, placas de computador, aparelhos eletrônicos quebrados e diversas outras itens descartados pela cidade que tentam trocar por dinheiro. Tiago Silva é assistente social e trabalha em organização não governamental que desenvolve projetos na Vila Estrutural. Ele afirma que um catador de lixo que trabalha o dia todo pode chegar a ganhar R\$ 150 por semana. Um salário melhor do que o de muitas profissões. Entretanto, o mais comum é que receba somente R\$50. “É um salário muito pequeno, principalmen-

te se consideramos o risco a que esses trabalhadores se submetem todos os dias. Basta olhar pés e mãos de quem vive do lixo para dimensionar o perigo”, explica. Para Tiago, a causa desse risco é justamente o desconhecimento das condições de trabalho por parte dos catadores. “Eles não tem noção do que manuseiam e dos cuidados que devem tomar ao mexer no lixo. Falta conscientização mesmo. Não é falta de dignidade trabalhar no lixão, falta de dignidade é trabalhar nas condições que essas pessoas trabalham. Se houvesse uma preocupação maior, poderíamos garantir mais segurança para esses catadores, tanto os que trabalham no Lixão como aqueles das ruas”, defende Tiago.

Novos significados para a profissão

No horário nobre da televisão, a maior marca de refrigerantes do mundo veicula uma propaganda cujo foco é mostrar a cidadania e o trabalho dos catadores de Lixo. O personagem da propaganda, Tião, é um catador de lixo que mostra orgulho pelo que faz. “Quando você se vê como catador de lixo, você se vê como lixo. Quando se vê como catador de material reciclado, aí você sabe que é um profissional, que você tem valor”.

A campanha é reflexo de uma grande mudança na vida desses catadores: a resignificação de seu trabalho. Assim como Tião, diversos outros aprenderam a importância do que fazem. Motivado por essa transformação, o cineasta Chico Acioli está produzindo um documentário sobre o trabalho e a vida dos catadores de lixo. “Acredito que estamos passando por um momento histórico crucial. Há uma crescente organização e mobilização política desses trabalhadores, que passaram a lutar

por políticas públicas de inclusão e pelas garantias de seus direitos. A idéia do documentário é registrar esse processo de mudança”, conta o cineasta.

Esse processo de transformação é resultado, entre outros fatores, de uma intensa mobilização por parte dos catadores. Marginalizados, esses trabalhadores sempre sofreram exclusão por parte do Estado e da sociedade. Pedro Isaac é coordenador da Incubadora Social e Solidária, organismo do Centro de Desenvolvimento e Tecnologia da Universidade de Brasília que, juntamente com o Ministério da Ciência e Tecnologia, desenvolve projetos para estimular a organização dos catadores de lixo. “Pela primeira vez, observa-se um movimento de organização política desses catadores, que passam a lutar por cidadania e a demandar direitos. Eles reivindicam políticas públicas de inclusão”.

A resignificação do trabalho do catador transformou a pró-

pria relação desses trabalhadores com o Estado. Dona Divina, catadora de lixo, é referência de luta e mobilização dos catadores. Ela conta que trabalhava como catadora e morava juntamente com outras família numa invasão perto da Esplanada dos Ministérios. “Sempre fomos vítimas de violência. O governo só aparecia para derrubar baracos, incendiar nosso acampamento. Eramos tratados como maltrapilhos mesmo. Ninguém nos via como trabalhadores, achavam que comíamos lixo. Hoje não. Hoje já sabem que catador de lixo trabalha para ajudar no processo de reciclagem. Hoje sabem que temos direitos e deveres como qualquer um”, revela.

A nova identidade do catador se dá principalmente pelo surgimento de uma organização política de trabalho. É crescente o número de catadores que passaram a se organizar em cooperativas e associações a fim de garantir seus direitos e lutar

por melhorias nas condições de seu trabalho. No Distrito Federal, vinte duas cooperativas e associações ligadas aos catadores de lixo reuniram-se, em 2006, numa central única, a CeNTCOOP (Central de Cooperativas de Materiais Recicláveis do Distrito Federal). Essa central inaugurou uma nova forma de mobilização dos catadores. A organização atua em rede e tem por objetivo melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores e trabalhadoras da coleta de materiais recicláveis do Distrito Federal. Chico Acioli, cineasta, afirma que o surgimento dessa organização mudou de atuação do Estado com os catadores. “Se antes esses trabalhadores eram esquecidos pelos governos, hoje não mais. Com a organização política, os catadores garantiram visibilidade e experimentam uma outra relação com a sociedade, conscientes dos seus direitos e deveres, demandando uma transformação na forma como

sempre foram tratados”, revela.

Devido a crescente mobilização e organização política, os catadores foram classificados como grupo prioritário pelo governo federal. Associado a cooperativas, o catador tem uma maior seguridade e participa de uma divisão de trabalho que leva em consideração os limites de cada pessoa, como força física, idade, gênero e etc. “Esse é um aspecto que estimula a organização. Afinal, o catador é um trabalhador do dia-a-dia. Se está sozinho, um dia sem trabalho é um dia sem salário. O que gera dificuldade extremas em casos de doenças ou demais impossibilidades. Quando associado a cooperativas e associações, há uma maior garantia”, afirma Pedro Isaac.

Alex é catador e presidente de uma cooperativa do DF. Ele afirma que tem orgulho do trabalho de catador e conta sorrindo que finalmente passou a ser visto “como trabalhador e não como mendigo”.



Quando os homens de ferro *quebram*

Triatletas de Brasília relatam riscos a que se submetem por paixão pelo esporte de maior rigor físico da atualidade

Gustavo Antony

gustavoantony@gmail.com

São 3.800 metros de natação, 180,4 quilômetros de ciclismo e 42,2 quilômetros de corrida de forma ininterrupta. Perdeu o fôlego? Eles, não. Mas o jornal Esquina buscou relatos de competidores de Ironman (homem de ferro, em português), um triatlo de loooooonga distância, em que eles admitem que as adversidades existem, por vezes, o que não impede o esporte que parece “loucura”. A uma rotina alucinante, misturada com sacrifícios à vida pessoal, eles chamam de paixão.

A partir do momento da largada cada participante tem os limites máximos de tempo de 2h30 para completar o percurso da natação, 10h40 para completar o percurso do ciclismo e até 17h00 para completar o percurso da corrida e consequentemente a prova toda. Quando o tempo limite de alguma etapa é excedido o competidor é desqualificado, tendo assim que abandonar a disputa.

No Brasil a competição acontece em Florianópolis (SC) e caminha para a 12ª edição em 2012. Segundo a assessoria da prova, o Ironman Brasil é a principal prova da categoria Triatlo de Longa Distância realizada no país e a maior da América Latina.

A edição 2011 do Ironman Brasil aconteceu no dia 29 de maio e contou com número

recorde de 1.800 inscritos de 34 países, superando os 1.650 de 2010. Rafaella Dellagiucina, do atendimento da empresa de marketing esportivo responsável pela produção e organização do evento há onze anos, informou que 70 a 80% dos competidores inscritos eram brasileiros (o atendimento não apresentou um número exato) e que 1.501 conseguiram completar a prova desse ano.

Apesar do alto grau de exigência física e emocional da competição, a assessoria do Ironman Brasil informa, através do regulamento disponível no site da prova, que o atleta amador ou profissional interessado em disputá-la necessita apenas assinar termo de responsabilidade e preencher ficha médica, após inscrever-se no site da prova. Ainda de acordo com o regulamento, a organização cobre despesas médico-hospitalares no valor de até R\$ 3 mil por meio de empresa seguradora contratada. Nos casos mais extremos, como invalidez ou falecimento, as despesas cobertas são de R\$ 30 mil.

Rafaella Dellagiucina, comunicou que, apesar dos riscos à que os triatletas se expõem, voluntariamente diga-se, não há qualquer exigência de exames médicos para se disputar o Ironman Brasil. É responsabilidade de cada competidor respeitar os limites do corpo. No entanto, Dellagiucina contou que a organização contrata e disponibiliza equipes médicas especializadas em emergências pré-hospitalares.



Competidores de diversas faixas etárias submetem-se a sacrifícios pela paixão ao esporte

Eles sentiram na pele...

Marcos Paulo de Oliveira, 38 anos, empresário e triatleta federado de Brasília, pratica triatlo há uma década e tem no currículo seis Ironman (um em Roth, Alemanha em 2009, um em Cozumel, México em 2010 e quatro no Brasil) e mais 23 Meios Ironman (prova também conhecida pelo nome de Ironman 70,3. Número que corresponde exatamente à metade da distância de um Ironman em milhas). Disputou o 1º Campeonato Mundial de Meio Ironman em 2006, em Clearwater na Florida (EUA) completando a prova em 11º lugar na categoria de 35 a 39 anos. Ele conta que o pior momento que viveu nos dez anos de treinos e competições foi no Ironman Brasil de 2010. “No fim do pedal e início da corrida, tive hipotermia (queda da temperatura média corporal necessária para o bom funcionamento do metabolismo e

demais funções do organismo). Sentia muito calor e muito frio ao mesmo tempo. Parei no Km 21 da corrida, vomitei e pensei em desistir. Mas aí veio o filme na cabeça... Foram seis meses de treinamento duro”. Oliveira completou os 21 km restantes passando mal como nunca tinha passado em toda a vida, disse. Andou, correu, vomitou alternadamente e mesmo assim concluiu a prova em 10h08. “Perdi sete quilos nesse dia, enquanto a média é de quatro a cinco”. Ele relatou com naturalidade e surpreendente bom humor que tinha desmaiado no final de todos os seis Iron Man que disputou. “Acordava nas macas, tomando soro. Em 2009 na Alemanha fiquei desmaiado por uns 40 minutos e os médicos e enfermeiros alemães falando comigo e eu não entendendo nada” contou dando risadas.

O nutricionista esportivo e ortomolecular, Daniel Costa, 34 anos, o Long (apelido), também encara com normalidade desmaios e limitações que o corpo por vezes impõe. Em três anos, disputou três Ironman (um em Cozumel no México e dois no Brasil), quatro Meios Ironman no Brasil e duas maratonas (42 km no Rio de Janeiro e em Santiago, no Chile).

“Tive hipertermia (hiper-aquecimento do corpo) em Cozumel, com o calor que fazia. Comecei a ficar tonto e fraco no km 130 de bike e ainda restavam pelo menos cinco horas de prova pela frente. Desci da bike para descansar um pouco e acabei desmaiando. Acordei com um bando de gente me olhando e um monte de gelo dentro da roupa. Continuei e no km 10 da corrida senti os mes-

mos sintomas. Parei em um posto de apoio para beber água e o mal-estar e desespero eram tamanhos que entrei em um dos freezers para diminuir a temperatura do corpo. Persisti e no km 35 veio uma diarreia fortíssima. Tive que invadir o hotel mais próximo para usar o banheiro. Nessa altura, ainda faltavam 7 km de corrida. Parecia pouco, mas nessa situação era muita coisa! Ainda assim, consegui concluir a prova” contou. A conta de tanto esforço, viria logo a seguir. “Depois da competição, quando me juntei ao pessoal no hotel para jantar, não consegui falar! Nem acertar o nome do meu irmão! Chamaram a emergência e me levaram de ambulância de volta pro posto médico localizado na linha de chegada e me deram duas doses soro. Só aí eu fui melhor”, concluiu.



No Brasil...

Com bagagem e experiência em provas, Marcos Oliveira elogiou a infraestrutura da competição. “A estrutura médica é o que há de melhor no Iron Brasil. Não deixa nada a desejar se comparado às provas internacionais que disputei. Na verdade até se destaca. São mais de 50 médicos na chegada, sendo que dois a três médicos por atleta.”

Dellagiucina afirmou pelo telefone que nos onze anos em que a EMPRESA organiza o Ironman Brasil nunca houve nenhuma morte durante a competição. Informação confirmada em parte pelo Major Ricardo de

Souza, comando do 4º Batalhão da Polícia Militar de Santa Catarina (4º BPM-SC) responsável pelo patrulhamento do norte da ilha de Florianópolis onde parte da prova acontece. “Desde que assumi o comando do Batalhão, há cinco anos, não ocorreram fatalidades”.

Mesmo não havendo nenhum registro oficial recente de morte em edições do Ironman Brasil, os competidores ainda assim correm riscos e passam por maus bocados, como relatam a seguir. No entanto, é importante ressaltar, que o fazem por conta própria.

Superação: entenda por que a maioria desiste

O servidor público federal Gustavo Rodrigues, 32 anos, já disputou dois Ironman, Cozumel 2010 e Brasil 2011, e um Meio em 2010 no Havaí, em pouco mais de um ano nesse esporte. Com a bagagem de quatro anos de corridas de aventura, Gustavo, o Ratão, como é chamado no meio, também “passou sufoco” quando resolveu encarar em Julho passado uma etapa do Tour de France (Volta da França), competição de ciclismo mais conhecida do mundo. “A L’Etape du Tour 2011 é uma etapa de 211 km de montanhas e foi a mais dura dessa edição do Tour com o maior número de acidentes entre os profissionais inclusive”, contou.

“Essa prova foi extremamente difícil, pois o tempo virou e além da temperatura muito abaixo do esperado, teve chuva”.

Devido às condições climáticas adversas, muitos ciclistas inscritos sequer largaram. Dos cerca de 7.500 inscritos, uns 4.500 desistiram e apenas 1.891 completaram. E dentre cerca de 28 ciclistas brasileiros divididos em duas equipes, só os dois atletas de Ironman (ele e o parceiro Carlão) concluíram”, contou “Ratão” sorridente e orgulhoso, com razões de sobra para isso.

“Eu tinha certeza que o único o cara que não ia parar era o Carlão. Porque nós dois éramos os únicos da turma que já sabiam o que era sofrer durante 10 horas ou mais”.

Sob água

“Largamos às sete da manhã já com chuva e depois de uma hora e meia de prova, a chuva engrossou tanto que eu não conseguia enxergar direito o que estava na minha frente. Quando cheguei

à primeira montanha, a chuva e o vento estavam fortes pra caramba e a temperatura caindo muito. Tanto que a organização interrompeu a prova. Muitos competidores estavam sofrendo de hipotermia severa. Apenas os que já haviam passado desse ponto, foram autorizados a prosseguir na etapa”. Ele seguiu. “Para uma prova com essa característica normalmente treinamos apenas subida, pois na descida você se recupera, se re-hidrata, come... Mas com o frio intenso, pista e rodas molhadas por conta da chuva e mãos e dedos praticamente congelados, as descidas se tornaram a pior parte. As mãos doíam demais quando freávamos. As descidas muito íngremes com um paredão de rocha de um lado e despenhadeiros do outro eram de assustar”.

Como se fosse comum

O que poderiam ser experiências assustadoras ou até traumáticas, para esses homens de ferro nada mais são que ossos do ofício. Na verdade eles dão risadas dos “perrengues” que já enfrentaram e na maioria das vezes superaram. Abandonar os treinos semanais com distâncias médias que chegam a 14 km de natação, 350 km de pedal e 70 km de corrida, no caso de Marcos Paulo, ou abandonar competições depois

superar tantas dores, lesões, mal-estar e sofrimento é algo fora de cogitação para os três triatletas entrevistados. Marcos tentou esclarecer o porquê dessa determinação que pode até por a vida em risco. “Isso é uma loucura tão grande, que não dá para explicar pra falar a verdade... É uma coisa, uma sensação inexplicável, que só aqueles que praticam e já experimentaram têm noção”. Bota loucura, nisso.

“A descida da montanha era a coisa mais sinistra que você pode imaginar...”

“Estávamos vestindo muita roupa. Casaco, máscara, luvas, meias e sapatilhas, todos térmicos e mesmo assim o frio estava arrebatando! Chegamos a pegar 3 graus no ponto mais alto! Porém na descida a sensação térmica ia lá embaixo. No meio da prova, um colega nosso procurando abrigo da chuva e do frio achou uma cabine telefônica. Quando ele abriu a cabine já tinham quatro lá dentro. O clima parecia de guerra, “nêgo” só queria sobreviver. Tinha atleta embaixo de carro, pra fugir da chuva. Cheguei a ver um policial parar a moto e começar a esfregar um atleta pra ver se o aquecia”.

“Os hospitais ficaram superlotados de atletas com hipotermia, as ambulâncias idem”.

“Pensei em parar varias vezes, por causa dessas condições. A prova tinha perdido a graça (não dava para desenvolver o pedal, curtir visual) e virou só sofrimento. Eu não via nada pela frente e só sofria, sofria. Perguntei a ele: - O que te fez continuar? Ele respondeu sorrindo: - Coração de Ironman, né cara?”



Gustavo Rodrigues “passou sufoco” quando resolveu encarar uma etapa do Tour de France competição de ciclismo mais conhecida



Perigos no octógono

Lutadores de MMA e profissionais da área de saúde falam dos perigos e prazeres da luta que ganha espaço no país



Há vários anos no MMA, o árbitro Cláudio Moreira (E) alerta. "O ideal, para que o profissional não se prejudique, é que sejam aproximadamente quatro lutas por ano. Intercaladas sempre por treinos"

Fabiana Santana
santanal.fabiana@gmail.com

Chutes, joelhadas, socos, empurrões e muito contato físico. Golpes como esses são frequentes na rotina dos lutadores de Artes Marciais Mistas (MMA). O esporte que envolve muito treino e disciplina pode causar sérios riscos de saúde.



palavra de ordem para um lutador de MMA é condicionamento. Todas as contusões, derrotas e vitórias, giram em torno do treino. A força física não é apenas para intimidar o adversário, mas é fundamental para evitar lesões.

Doutora em Fisiologia do Exercício, Keila Fontana relata como o MMA pode influenciar na saúde do lutador. "Os golpes que os lutadores estão sujeitos durante as lutas podem causar desde um pequeno rompimento de um vaso ou ligamento, até uma hemorragia cerebral. A médica alerta que muitas vezes os ferimentos vão se acumulando sem a percepção do lutador.

Dra. Keila afirma que o acompanhamento é necessário, mas ele não tem como prever quais serão os resultados de uma luta. "A prevenção é fundamental, mas não adianta depois que

há uma lesão. A melhor forma de evitar problemas são as atitudes que os treinadores devem tomar, como treinamento adequado e boa alimentação."

Wanderley Camilo Ferreira, 27 anos, professor e lutador de MMA, afirma que o treinamento é a base para que o resultado do atleta seja satisfatório. "Os treinos são leis para um bom preparo físico e para não ter contusões ou problemas maiores. Geralmente é mais duro fisicamente do que a luta, para pegarmos resistência."

Já o árbitro internacional e também treinador, Cláudio Moreira, alega que perigos e riscos há em todas as profissões. No MMA o diferencial são os treinos e a frequência das lutas. "O ideal, para que o profissional não se prejudique, é que sejam aproximadamente quatro lutas por ano. Intercaladas sempre por treinos."

Profissionalização do MMA

Por aparentar ser uma profissão violenta, lutar MMA pode gerar dificuldades. Os lutadores dizem que mesmo com

mudanças no quadro nacional em relação ao passado, ainda é muito difícil ser apenas lutador. "O profissional de MMA recebe por luta. Como a luta não acontece todo mês, preciso de um trabalho paralelo, por isso dou aulas", desabafa Wanderley.

Outro problema para os lutadores de MMA é que apesar da modalidade ter sido inventada no Brasil, a falta de apoio ainda é a grande causa de reclamações. "Nos EUA, o governo e as empresas privadas apoiam e valorizam o esporte. Lá da pra viver bem de MMA", lamenta Wanderley. Entretanto, por aqui, segundo os lutadores, a profissão está crescendo aos poucos. "As empresas preferem patrocinar uma luta de MMA, ao invés de uma corrida automobilística, por exemplo, pois tem mais retorno", comemora Cláudio.

O início

O MMA surgiu no Rio de Janeiro da década de 40, com os irmãos lutadores Carlos e Hélio Gracie, que aos poucos foram adaptando as regras e golpes do judô e criou o jiu-jítsu brasileiro. Carlos inventou o "Gracie Challenge", que eram desafios entre lutadores de várias modalidades. Esses combates ficaram conhecidos como Vale Tudo.

A luta que vale quase tudo

O MMA é uma luta que tem regras e exige equipamentos necessários. "Existem regulamentos para a segurança do lutador e para a organização da luta. Por exemplo, não é permitido chutar a cabeça ou qualquer golpe da nuca até lombar", informa o árbitro Cláudio Moreira.



O lutador aposentado

Para um ex-lutador que está na terceira idade, após anos de octógono, sem o devido acompanhamento médico, as consequências podem ser sérias. "É difícil saber a extensão das lesões em longo prazo. Em algumas áreas do cérebro logo se percebe. Outras não. Apenas com a idade é que geralmente esses traumas vão ser claramente percebidos", esclarece a dra. Keila.

Já Wanderley, acha positivos os resultados após décadas de luta: "Um lutador que se exercitou durante 20 anos, por exemplo, quando for mais velho, não será sedentário. Acho que os benefícios são maiores que os prejuízos".

Dentre as principais regras estão:

- A lutas geralmente tem cinco ou três rounds, cada com cinco minutos de duração.
- Os competidores devem lutar trajando apenas shorts aprovados, luvas leves e protetoras bucais.
- São permitidos golpes com o cotovelo, exceto se forem aplicados para baixo.
- São consideradas faltas no MMA:
- Colocar o dedo no olho do adversário
- Morder ou cuspir no adversário
- Puxar os cabelos do adversário
- Atacar a região genital do oponente
- Intencionalmente colocar um dedo em qualquer orifício do oponente
- Golpear os rins com os calcanhares
- Agarrar, beliscar, torcer a pele ou carne
- Chutar, pisar ou dar joelhadas na cabeça de um adversário caído
- Utilizar linguagem abusiva no ringue ou octógono
- Atacar um oponente no intervalo



Peso mosca: abaixo de 57kg
Peso galo: entre 57,1kg até 61,1kg
Peso pena: entre 61,2kg até 65,7kg
Peso leve: entre 65,8kg até 70,2kg
Peso meio-médio: entre 70,3kg até 77kg
Peso médio: entre 77,1kg até 83,7kg
Peso meio-pesado: entre 84kg até 92,9kg
Peso pesado entre 93kg até 120,1kg
Peso superpesado cima de 120,2kg

Ilustrações: Fabiana Sanatana

Arte nas alturas

acrobatas circenses praticam modalidades aéreas e se arriscam a cada movimento



Gabriella Kolling
gabriellakolling1@gmail.com
Julia Chaib
julianchaib@gmail.com

Respeitável Público! Vai começar a brincadeira. Entre palhaços, contorcionistas e malabaristas, apresentamos aqueles que gostam de ficar no alto e, assim, fazem do tecido, do trapézio e da lira, as “segundas casas”. Dominam os aparelhos como se estivessem andando e expressam no rosto um ar de graça, quase incompreensível devido ao esforço físico que fazem. Com tamanha expressão de tranquilidade, o público mal imagina o risco pelo qual os artistas passam. Isso porque a arte circense vai além do corpo e exige muito da mente, em questões de equilíbrio, concentração e superação de medos. Logo, o que se vê nas apresentações circenses é a combinação perfeita desses elementos, nos quais os praticantes executam movimentos bem pensados, em situações nas quais se lida com altura, agilidade, elasticidade e, além disso, ter de confiar nos aparelhos. Assim, fazer circo é, sobretudo, um ato de paixão, no qual se enfrenta medos, sempre em busca de uma expressão corporal perfeita.

Consciente dos riscos, a brasileira Isabela Levi Paranhos, 25, viu neles um incentivo ainda maior para praticar a arte circense, o que faz há seis anos. Psicóloga por formação, a jovem encontrou no circo uma forma de lidar com a timidez e fortalecer o corpo e a mente. A conexão com a prática foi tanta, que Isabella precisou ir além. Em Brasília, sentiu falta de escolas de circo que a especializasse em certas modalidades. Por isso, viajou Brasil a fora, para locais como Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo, onde buscou estudar a fundo as modalidades aéreas, foco da artista. Quando decidiu que faria do circo não só um passatempo, mas também o “ganha pão”, a jovem foi à Europa na procura de cursos na França e na Espanha para se profissionalizar em modalidades aéreas, como o tecido acrobático. “No Brasil todo não existe uma verdadeira escola de formação de circo, principalmente em Brasília. Fiz aulas aqui, em outros estados, mas só vi grandes academias circenses que profissionali-

zam o artista, lá fora, em outros países”, completa. De volta a capital Federal, Isabela começou a ministrar aulas na Universidade de Brasília (UnB) e em academias.

Exercícios de risco

No tecido acrobático o artista deve se pendurar, realizar quedas, acrobacias e formar figuras estáticas no ar. Ao encontro da maioria das práticas circenses, a categoria trabalha com flexibilidade, agilidade, resistência e força. No entanto, para quem “faz” tecido, o medo de cair do alto é um dos menores problemas. Segundo Isabella, o grande risco é de se ficar preso, enrolado no tecido, algo que de acordo com ela, acontece com certa frequência. As consequências disso são, além da possibilidade de se perder a circulação de membros, como pernas, braços e cabeça, obter uma série de hematomas pelo corpo.

Mas, os perigos trazidos pela modalidade não são motivo de desestímulo e sim servem como motivação. Prova disso, são as lesões sérias adquiridas por ela em decorrência da prática circense. “Uma vez, no trapézio, caí de cabeça para baixo e machuquei o pescoço. Com isso, lesionei um nervo do braço e perdi a força do membro”, conta. Depois do acidente, a jovem levou cerca de dois meses para se recuperar e vê o ocorrido como algo natural da profissão. “Meu instrumento de trabalho é o meu corpo, e assim como uma máquina, ele também falha. Por isso, é preciso ter todo cuidado e atenção na hora de subir nos aparelhos aéreos”, ressalta. Nos quesitos de risco e adrenalina, a artista conta que a sua experiência mais marcante foi durante uma apresentação em uma festa no Museu Nacional, no ano de 2010, onde ela e outros artistas ficaram pendurados em um guindaste preso a um caminhão. “Era muito alto, na hora foi tranquilo, mas hoje em dia penso que não me arriscaria assim de novo”, finaliza.

Além de depender do próprio corpo, Isabela também explica que as técnicas de segurança na hora de instalar o aparelho são questões superimportantes no circo. “Um nó mal dado, por exemplo, pode não prender de forma adequada o trapézio ou o tecido, e levar o artista a cair”, completa. Diferente do Brasil, na

Europa há termos formais que ditam as regras de segurança das práticas circenses aéreas. Segundo Isabella, no país, as regras não são formalizadas, o que pode aumentar o número de acidentes.

Paixão recente

Assim como Isabella, a estudante de biologia, Louise Aldrigues Machado, 20 anos, pratica modalidades circenses aéreas há apenas dois anos. Com relação aos machucados decorrentes da prática, Louise diz que o número de hematomas pelo corpo é alto. “Em algum momento ficamos presos no tecido, principalmente quando se é iniciante. Para nos soltarmos, é preciso muita calma e concentração, mas é comum ficarmos com roxos e queimaduras pelo atrito”, explica. O último susto de Louise foi há dois meses, quando distendeu um músculo da perna enquanto praticava o tecido. Mas, como Isabella, isso não é motivo para largar a atividade. “Nem os hematomas, as queimaduras ou as distensões me desmotivam. O circo é muito além do corpo. Ele trabalha muito o equilíbrio emocional, e nisso, está incluída a superação de medos, o que fazemos constantemente no tecido”, completa.

A experiência de uma trajetória mais longa no circo entre as histórias contadas é a de Nara Faria, que encontrou o circo quase por acidente. A artista, formada em artes cênicas pela Universidade de Brasília, teve de recorrer às modalidades circenses, para compor um personagem teatral, há 11 anos. Foi nesta época que ela descobriu a paixão pela prática, unificadora de elementos cênicos, da dança, e trabalho com o corpo e a mente. “Sempre me interessei por formas de encenação alternativas, quando tive de interpretar um personagem que devia, obrigatoriamente, ficar no alto, em um tecido, comecei a ter aulas e me descobri amante da arte circense”, conta.

O episódio mais arriscado da vida artística de Nara aconteceu ao utilizar equipamentos improvisados, que como foi ressaltado por Isabella, são o principal motivo de acidentes que envolvem o circo. “Um dia participei de um número, em que era presa por cordas de rapel, e segurada por um técnico. As luvas que ele usava para segurar as cordas que me

prendiam estavam gastas, então, em um momento do espetáculo, caí de cara no chão. O show teve que ser parado para eu ser socorrida, foi um grande susto!”, completa Nara.

Atualmente, a artista dá aulas de circo na Casa do Ceará, e é professora de dança do ventre. Além disso, é integrante do grupo ‘Nós no Bambu’, companhia brasileira que mistura as práticas circenses e o Integral Bambu, modalidade brasileira que envolve a formação de figuras e acrobacias em estruturas feitas com bambu. O trabalho do grupo é praticado por veteranos e exige técnicas apuradas para manter o equilíbrio e a força durante as apresentações, já que não existe nenhum tipo de aparelho de segurança que apoia os artistas no bambu. O praticante depende apenas do próprio corpo para se manter no alto. Segundo Nara, a atividade criada na capital federal também merece destaque e pode ser associada ao circo, por utilizar muitos elementos característicos da arte circense.

Menino prodígio

Aluno de Nara, Lucas Barbosa Santos, de 19 anos, faz circo há quatro. O jovem também se encantou pelas atividades aéreas e faz tecido, lira, trapézio, e corda indiana, que se assemelha ao tecido. “Tenho mais medo de ficar em uma altura mais baixa do que uma mais alta. Às vezes o risco de se machucar em atividades no solo é maior”, conta. Mesmo assim, já se machucou quando foi fazer uma acrobacia chamada ‘picolino’, e caiu de cara no chão. Em outras ocasiões já ficou preso e teve muitas queimaduras por causa do tecido. Mas, nessa modalidade, Lucas já se tornou especialista. Passou no teste para trabalhar no circo do Beto Carrero e foi convidado para o grupo brasileiro Mirabolantes, no entanto, por agora, o menino prefere se dedicar à faculdade e treinar outras modalidades. “Tenho muita vontade de fazer contorcionismo. Inclusive já comecei a treinar”, completa. As histórias refletem que fazer parte do circo, é necessariamente estar aberto a um campo de emoções maiores e superações constantes. No entanto, o artista deve sempre ter em mente a importância dos cuidados de segurança nas modalidades.



A faixa de pedestre como palco

Com intervenções no asfalto, artistas de rua levam ao cotidiano a alegria e espontaneidade do circo

Gabriella Kolling

gabriellakolling1@gmail.com

Julia Chaib

julianchaib@gmail.com

O semáforo é o picadeiro e, quando o sinal fecha, o espetáculo começa. Em até três minutos, a apresentação acaba, o artista agradece e passa com um chapéu entre os carros. O local não é o circo, mas as faixas de pedestres das cidades, onde, com ares de 'novos ciganos', artistas de rua fazem acrobacias e malabares e encantam àquelas que aguardam o sinal ficar verde. Além de levar a arte a locais pouco percorridos, os saltimbancos contemporâneos fazem da intervenção urbana um estilo de vida perigoso e forma de sustento. Formado por uma legião de viajantes, os grupos de artistas de rua instigam uma pausa na correria das metrópoles.

Com esse pensamento, Adan Max Pereira, paraense de 27 anos, viaja pelo Brasil há quatro. "Saí da minha cidade para conhecer outras regiões, outras culturas, trabalhando com a arte, que é o que eu gosto", conta. Autodidata, Adan aprendeu a aprimorar as técnicas circenses com a vida. A princípio manuseava swing poi, objeto composto por duas cordas que ligam duas bolinhas cada. Logo depois, passou a praticar com bastão chinês, clave, bolinhas e monociclo.

No entanto, a vida de artista para Adan não foi sempre um mar de rosas. Quando começou a trabalhar com arte na rua, o paraense conta que não tinha dinheiro para comprar malabares, por isso, para não ficar sem fazer nada resolveu "soltar fogo pela boca". "Fui cuspir fogo, com gasolina, e o vento veio contra mim e acabei queimando o rosto. Sorte que a minha barba estava grande, se não poderia ter tido queimaduras. Depois disso, nunca mais quis cuspir fogo", relata. Com essa experiência o artista passou a ter cuidado dobrado na hora de executar os números. "É preciso ficar muito concentrado para evitar um acidente, já cai várias vezes do monociclo, que tem cerca de dois metros de altura", finaliza.

Ao encontro do que o motivou a ser artista de rua, Adan sempre viaja e na maioria das vezes, se hospeda em albergues, pousadas e na casa de amigos que faz pelo caminho. Atualmente, resolveu se estabelecer em um local por um tempo maior e mora em Alto Paraíso (GO). Durante a semana vem a Brasília trabalhar nos semáforos, de onde tira a ren-

da. A paixão pela arte é tanta, que na Chapada dos Veadeiros - cidade goiana - Adan também ministra aulas de malabares e ioiô chinês para crianças carentes através do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). "Eu tinha que passar a diante a minha mensagem e a minha experiência como artista, por isso resolvi começar a dar aulas para essas crianças. Mesmo com pouco, faço a minha parte", completa.

O encantador de facões

Com espírito aventureiro e disposição para passar o chapéu por entre os carros, o argentino Jesus Ullman, 21, saiu do sul de Buenos Aires há um ano e meio para percorrer o mundo. Neste período, Jesus já passou pelo Paraguai e chegou ao Brasil, onde descobriu os caminhos de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Distrito Federal. Em seu país natal, Jesus trabalhava em um fábrica de calçados e através de amigos conheceu os malabares. Percebeu que era possível crescer como artista. Foi aí que resolveu viajar pelo sul da Argentina até ao Brasil. "Em Santa Catarina conheci um pessoal legal, o que me incentivou ainda mais a continuar minha trajetória como artista de rua", conta.

Com o passar do tempo e com a experiência que adquire a cada encontro com novas pessoas, Jesus aprimora as técnicas. "Comecei com três bolinhas, depois fui para a clava e hoje consigo manipular até sete objetos, inclusive com fogo", pontua. Além disso, Jesus também aprendeu a andar no monociclo, com o qual teve um grave acidente. "Enquanto praticava, caí e desloquei meu

ombro. O que foi péssimo, pois passei mais um mês e meio parado, com muita dificuldade para fazer aquilo que se tornou minha fonte de sustento", relata.

Vida de nômade

Na rotina de viajante, Jesus explica que passa em média de três a quatro dias em cada cidade, exceto nas grandes metrópoles onde consegue lucrar mais e fica mais de uma semana. Nos braços do jovem, as cicatrizes em decorrência dos malabares com o fogo são muitas. Quando se trata de malabares, o artista concorda com Adan e diz que trabalhar com fogo é a prática mais arriscada. "Já presenciei uma cena terrível, na qual um artista de rua sofreu um acidente com as bolas de fogo, teve o corpo queimado e morreu", lamenta. Para Jesus, a vida nômade como artista de rua também é uma boa oportunidade para trocar experiências e adquirir novas técnicas circenses. "Geralmente viajo sozinho, mas em alguns lugares faço amizades e continuo a viagem em grupo, assim também cresço profissionalmente", conta.

Um dos amigos que fez pelos trajetos percorridos foi o boliviano Carlo Salina, 25 anos, também artista de rua. O performer chama atenção nas ruas de Brasília pela ousadia e coragem com que manipula os cinco facões. Dessa forma, Carlo impressiona os motoristas que aguardam o sinal abrir, após o número recebe trocados. Os facões não são afiados, mas a maneira com que Carlo os manuseia é o diferencial do trabalho como artista de rua. Não é só fazer malabares com



Adan Max durante apresentação na W3 Sul. O artista cronometra o tempo enquanto equilibra-se em monociclo com malabares

os objetos, mas também trabalhar com equilíbrio deles no próprio rosto e encantar a plateia itinerante com o carisma estampado no rosto, como se o que apresenta no semáforo fosse muito simples de fazer.

Com o português arrastado, Carlo conta que além de manusear objetos arriscados e em chamas, também anda com pernas de pau. "Já me ralei no chão por cair do alto e me queimei várias vezes". No entanto, como todo bom artista, os hematomas servem para dar

forças e impulsionar o aprimoramento de técnicas. "Fazer arte em plena luz do dia, no asfalto é uma satisfação. A gente aproxima as pessoas da arte e as tira, nem que seja por um momento, da correria do dia a dia", diz, satisfeito.

Assim, com o tempo que dura, em média, de dois a três minutos - intervalo entre o sinal abrir e fechar - os artistas arrancam sorrisos de pessoas tomadas pela ansiedade cotidiana, e fazem do asfalto um verdadeiro palco.

NA SACOLA DOS MALABARES

Malabarismo: Arte de origem chinesa que consiste em manipular objetos com destreza. Uma das mais típicas artes de circo. Embora existam muitos tipos de malabarismo, ele geralmente consiste em manter objetos no ar, lançando e executando manobras.

Devil Stick: Um dos instrumentos mais utilizados pelos novos malabaristas e da categoria dos sdimpls. Termo inglês para definir o bastão japonês.

Bastão Japonês: Bastão de madeira torneado e enrolado com fitas decorativas, manipulado com duas baquetas. Apesar do nome, sua origem é chinesa. Há também as versões Fire Stick (com fogo) e Flower Stick (decorado com fitas que lembram flores - em chinês 'Hua' = flor e 'Kun' = bastão ou haste, então 'hua kun' = 'bastão florido')

Diabolo: Dois cones de plástico ou de borracha, semi esferas, que se assemelham a uma espécie de iôio gigante. O objetivo é fazer manobras mantendo a rotação constante sobre um fio preso a bastões. A modalidade é praticada na China há mais de 4 mil anos e ainda hoje fabricam-se Diabolos em madeira e bambu.

Bolinhas: Também de origem oriental, é das modalidades mais antigas e difundidas do malabarismo. Normalmente as apresentações acontecem com 3 bolinhas, mas já conseguiram realizar manobras utilizando 11 bolas.